

Aclamado por empresários, Serra é vaiado por sindicalistas

Débora Guterman e César Felício
De São Paulo

Vaiado na tarde de ontem ao falar para trabalhadores reunidos em evento promovido pela Força Sindical e pela Bovespa, o candidato do PSDB à presidência, senador José Serra (SP), foi aclamado ao almoçar com cerca de mil empresários no Clube Monte Líbano, em um encontro organizado pela Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil (ADVB).

O senador fez um discurso de 55 minutos aos empresários, interrompido várias vezes por aplausos, em que criticou a condução da política de comércio exterior por parte do Itamaraty e prometeu colocar o Brasil em ritmo de crescimento acelerado. "Economia não é um altar de sacrifícios permanentes", afirmou. Na noite de ontem, mais um sinal do apoio maciço do tucano no empresariado: estava previsto o seu comparecimento em um jantar de adesão organizado pelo empresário Pedro Piva, seu suplente no Senado.

O candidato disse que o Brasil

faz o contrário de 90% dos países do mundo ao permitir que o ministério das Relações Exteriores tenha grande ingerência sobre a política comercial. "A diplomacia não deve tocar a política do Brasil no Mercosul e na Organização Mundial do Comércio", disse. Serra anunciou de novo a criação do ministério do Comércio Exterior e a sua proposta de flexibilizar a Tarifa Externa Comum do Mercosul.

Ao abrir espaço para perguntas, Serra ouviu de empresários sugestões para baixar o limite mínimo do trabalho de menores para 12 anos de idade e usar os recursos do FGTS para financiar bolsas de estudo em universidades privadas. O tucano conseguiu não se comprometer com qualquer destas propostas sem desagradar a platéia.

No evento da tarde, organizado pela entidade sindical e dirigida a sindicalistas e trabalhadores, o clima foi bem diferente. Depois de discursar por exata meia hora, ele abriu para a "sabatina" da plateia. Uma das perguntas levantadas se referiu à falta de medicamentos gratuitos na rede de saúde. E, ao di-

zer que não faltam medicamentos no Brasil, foi vaiado.

Reagiu com irritação: “Não faltam remédios, o problema é que eles não chegam à população. É diferente. Você não entrega do prédio do Ministério da Saúde. É um serviço descentralizado”. Participaram também do evento, os presidentes-viceiros Ciro Gomes (PPS), Anthony Garotinho (PSB) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

O discurso de Serra aos trabalhadores foi norteador por referências à sua gestão no Ministério da Saúde. Ao defender uma postura mais agressiva nos fóruns mundiais, logo lembrou a briga pela patentes de remédios. “Ganhamos a questão (das patentes). As necessidades não podem ser dificultadas por questões comerciais”.

Noutro momento, ao comentar a estratégia de combate ao desemprego, ele reafirmou que é necessário crescimento a taxas elevadas, com incentivo à exportação. “Devaneios à parte, é o déficit externo que provoca os juros altos que, por sua vez, impedem o investimento e o crescimento, que deve vir da ex-

portação", afirmou. "E é ela que gera emprego".

Serra ligou sua atuação na pasta da Saúde com a melhoria nas condições de vida dos aposentados, uma bandeira de correntes sindicais. "A questão previdenciária é enrolada, hoje há dois tipos de aposentados, de primeira e segunda classe. Vocês acham que generosos foi 'feito' para quem? Para aqueles que têm que tomar remédio sempre", comentou.

As perguntas levantadas pelo público, em maioria, remeteram a questões centrais do último ano do governo Fernando Henrique, como o desemprego e a reforma trabalhista. Sobre essa, Serra afirmou que não deve ser discutida pontualmente. "É preciso ter paz e tranquilidade para se discutir uma proposta racional, que tem muito a ver com aposentado e, hoje, com o assalariado". O candidato tucano foi o único a apresentar um novo modelo trabalhista e sindical, em que defende, entre outros, o direito do trabalhador de formar conselhos de representantes nos locais de trabalho.